Romero, Sylvio
Pinheiro Chagas

Antonio Ferrão

Pinheiro Chagas

CONFERENCIA
realisada no Theatro Recreio Dramatico, do Rio de Janeiro,
a 5 de setembro de 1904

POR

SYLVIO ROMÉRO

O producto d'esta edição foi gentil e generosamente cedido
pelo illustre conferente
a favor do projectado monumento á memoria de Pinheiro Chagas

LISBOA
TYPOGRAPHIA D'«A EDITORA»
Largo do Conde Barão, 50
1904

Pinheiro Chagas

CONFERENCIA
realisada no Theatro Recreio Dramatico, do Rio de Janeiro,
a 5 de setembro de 1904

POR

SYLVIO ROMÉRO

O producto d'esta edição foi gentil e generosamente cedido
pelo illustre conferente
a favor do projectado monumento á memoria de Pinheiro Chagas

LISBOA
TYPOGRAPHIA D'«A EDITORA»
Largo do Conde Barão, 50
1904

Sr. ministro,
Minhas senhoras,
Meus senhores,

Esta é a ditosa patria minha amada... disse o mais nacionalista, podera accrescentar — o mais *jacobino* de todos os poetas. E para mostrar-vos que foi o mais nacionalista de todo os poetas, basta que vos lembre o titulo do seu poema.

Os outros grandes epicos escolheram geralmente assumptos remontados, distantes, alheios ao genio e ás acções dos respectivos povos, ou que lhes pertenciam por laços secundarios: a cólera de um heróe e a quéda d'uma cidade - a *Illiada,* as peregrinações d'um guerreiro — a *Odysséa,* a theologia d'uma epoca — a *Divina Comedia,* e, assim, sempre alguma cousa de longinquo e de transcendente á vida popular, como a *Eneida,* o *Paraiso Perdido,* a *Jerusalem Libertada,* o *Fausto*... todos, todos os grandes poetas assim procederam.

Camões — não; vae certeiro ao seu alvo e avisa, por assim dizer, de ante mão, que ninguem se illuda: é dos *Lusiadas* que fala, dos Portuguezes que sonha e canta; é do *reino forte, do ninho seu paterno,* dos *barões assignalados,* do *poder mais forte que se alevanta* da *Lusitania,* para assombro do mundo, emfim da *ditosa patria sua amada*...

Dir-se-hia que todo o poema é uma glosa a este verso; é um commentario de luz e ouro, cantante e sonoroso, a este mote perpétuo: a glorificação de Portugal. E não vos lembro, meus senhores, essa singularidade do maior epico d'entre os modernos, por simples devaneio litterario; é uma notação critica que faço. Não poderia ser por outra forma: o poema typico, a expressão mais eminente do genio do povo

portuguez nos dominios da poesia tinha de ser forçosamente uma affirmação de autonomia politica, a que a arte dava apenas o prestigio de sua forma, a magia de seus encantos. É que Portugal é um filho da vontade, um producto da energia conscientemente despertada d'um grupo humano; e, por isso, toda manifestação superior de seu sentir, antes e acima de tudo, assume aquella attitude e expelle aquellas reverberações.

Dá-se com os povos, no ponto de vista de sua origem e destino, o mesmo que se dá com certos individuos: d'entre estes uns tiveram apenas o trabalho de nascer, outros só o de casar, e, desde ahi, ficaram de velas desfraldadas na direcção do futuro: ventos galernos e viagem próspera.

D'eguaes facilidades foi cercado o berço de muitas, da mór parte das nações: umas em grandes ilhas isoladas, dando-se ao luxo da protecção directa e incondicional do mar; outras em peninsulas, defendidas pelo mesmo poderoso alliado e por quasi inaccessiveis montanhas, auxiliar, ás vezes, ainda mais prestimoso; estas mettidas em largos continentes e atalaiadas a um lado e outro por vastos oceanos; aquellas ao mesmo tempo por montanhas e mares, arranjados por tal arte, que mais pareceria cousa feita propositalmente do que a simples disposição de phenomenos naturaes.

Portugal não lhe coube em sorte nenhuma d'estas regalias: nada de montanhas intransitaveis, de mares interpostos, de enormes rios separadores; nada de fronteiras naturaes...

Se tem a frente e os pés livres em face do irrequieto oceano, tem o dorso e a cabeça encostados na ainda mais irrequieta e petulante Hespanha: não é um favorito da natureza; é um filho do seu proprio esforço, é uma affirmação do querer individual e collectivo; porque, n'este ponto, não existem alli diversões antagonicas entre a massa e os grandes espiritos.

Portugal na historia e na politica europêa é uma

como representação da vontade schoppenhauriana, o poder creador e organisador da vida, a faculdade *maîtresse* do existir.

Camões, uma das culminações geniaes d'esse querer, tinha por instincto a intuição nitida do destino de seu povo e da disciplina a que elle havia de obedecer para viver.

E' por isso que o poeta, o soberano poeta exigia até do rei que fôsse forte para *não fazer fraca a forte gente;* e dos grandes homens, que fôssem portuguezes nos feitos e tambem na lealdade!. .

E' por isso que se poderia affirmar que, praticamente, Portugal tem resolvido a famosa questão, debatida entre sociologos, de saber quem mais influe na vida da collectividade humana, se o individuo, — se a sociedade. Dá-se acolá, meus senhores, uma perfeita penetração: o homem é portuguez acima de tudo; a sociedade, a despeito de apparencias enganadoras em contrario, préza, venera, adora seus grandes espiritos.

E a festa presente é d'isso uma prova: é a glorificação de Pinheiro Chagas, um dos homens mais illustres da segunda metade do seculo XIX em Portugal, um dos chefes espirituaes d'aquelle povo n'esse periodo. E' d'elle que venho dizer e fal-o-hei em poucas palavras.

Ha certa difficuldade em o estudar; é o mais completo typo de polygrapho que se poderia imaginar, dando-se áquelle qualificativo o seu verdadeiro sentido, o do escriptor que se revela e exhibe nos mais variados e desencontrados *generos,* e não como erroneamente pensam alguns, o do escriptor que, com um só criterio e methodo, estuda *variados aspectos* das cousas humanas.

D'est'arte foi polygrapho Chagas n'uma producção febril, incessante, miraculosa, phantastica, multiplicando uns sobre outros, — poesias, dramas, comedias, contos, folhetins, chronicas, artigos de fundo, romances, discursos, criticas, biographias, traducções, livros didacticos, livros de historia politica, de histo-

ria litteraria... e não o foi Hippolyto Taine, analysando sob o seu methodo critico, a litteratura ingleza, ou a revolução franceza, ou a pintura flamenga, ou a arte italiana, ou a architectura grega, ou o genio de Tito Livio, ou o de Balzac, ou o de Lafontaine, ou a philosophia de Stuart Mill, ou o romance de Thakeray, ou a Historia de Carlyle, ou as paisagens dos Pyrenéos, ou as da Italia, ou, no mais solido de seus livros – a *Intelligencia do homem*.

Aqui, sob a apparente multiplicidade, ha uma unidade superior, fornecida pelo methodo e pela philosophia: é a *critica*, e só ella, enfrentando os assumptos mais variados e complexos; alli existe de facto, a multiplicidade, a variedade dos *generos*, a heterogeneidade das *especies*, além da confusão quasi inextricavel dos *assumptos*; e a só unidade existente é a unidade proveniente da vida que em tudo insuffla a imaginação potentissima do escriptor.

Mas esta unidade, filha da imaginação e da vida, vale muito, vale tudo; porque é um acto de creação, ingenuo, espontaneo, simples, integro, como os que são obra da propria creação natural. Em cada uma das espheras trilhadas pelo espirito irrequieto de Pinheiro Chagas — já alguns tiveram bastante vista para o notar — fez elle tanto, produziu com tanta abundancia e talento que poderia dar fama a outros tantos individuos. Que predomina, porém, n'elle? O dramaturgo, o comediographo, o romancista, o orador, o poeta, o jornalista, o critico, o historiador o politico, o traductor, o folhetinista? E' inutil indagar...

Seria a tarefa d'uma critica simploria, elementar, amiga de fórmulas estereotypas, sempre prestes a desorientar-se, quando se lhe depara a vida mesma, na sua incalculavel exuberancia, na sua vertiginosa multiplicidade, na sua empolgante confusão. Não o farei eu, pedindo vénia para trilhar outro caminho.

Praz-me vêr o homem nas relações com o seu povo e com o seu tempo, sua gente e seu periodo historico.

Isto se me antolha mais digno do individuo e mais meritorio para a nação.

Pinheiro Chagas, na harmoniosa variedade de sua obra, na abundancia translucida de seu estylo, na limpida fulguração de sua imaginativa, no calor attrahente de sua eloquencia, é bem um homem representativo da gente portugueza nas ultimas décadas do seculo XIX.

E' por onde deve ser encarado, e, infelizmente, só poderei fazel-o em traços apagadamente largos e indecisos.

Falta-me o tempo e mais que tudo a competencia.

Existe, meus senhores, a caracterisação, já hoje por assim dizer, classica, do povo portuguez, por toda a gente repetida, que vae passando como artigo de fé.

E' a que está para ser lida em Oliveira Martins, em Theophilo Braga, e tantos e tantos outros...

E consiste em affirmar ser a nota fundamental, basica, irreductivel do caracter, da indole do povo portuguez — a melancholia, a tristeza ingenita, incoercivel, que se traduz, por um lado no espirito irrequieto e aventureiro, que se atira á navegação como desafogo, e chega até a emprehendel-a, sem alvo e sem destino, atraz de *Ilhas encantadas*, de miragens fabulosas, qual a de *São Brendão,* e de mythos, como o de Préste João, e por outro lado, se vasa n'uns *messianismos* dolentes e esperançadamente promissores, cuja fórmula mais vulgar é o famoso *sebastianismo*...

Livre-me Deus, meus senhores, livre-me Deus da pretensão de querer emendar o pensar e o sentir d'aquelles afamados escriptores a respeito de seu povo.

Elles que o dizem é porque o sabem... Mas, com todo o respeito, peço licença para discordar e dissentir por modo completamente diverso, senão de todo opposto.

Filho de portuguezes, tendo vivido entre portuguezes, havendo tambem viajado terras portuguezas, desejo apenas dar minha impressão pessoal.

A famosa e falsissima caracteristica do genio da nacionalidade de Camões, de Albuquerque e do Gama não passa da repetição das phantasias romanticas

postas em voga por Ernesto Renan no seu, tão brilhante quão inconsistente, ensaio intitulado — *La Poësie des Races Celtiques.* As mirabolantes miragens de merencorias, magoadas, dolentes, inconsolaveis tristezas celticas, ha muito desfeitas pelos estudos sevéros de Gaspar Zeuss, d'Arbois de Jubainville, Mommsen, nos dominios da linguistica, da ethnologia e da historia e pelos de Edmundo Demolins nos da sciencia social, são tudo quanto existe de mais inexacto como retrato dos genuinos celtas, guerreiros e faladores, bulhentos e divertidos, todos amanteticos de pilheria e de façanhas de valentia. As duas notas de — *Esprit et Gloire* não são as mais proprias para expressar a melancholia irrefreavel. Haveis de convir.

A novella ethnographica de Renan aos proprios celtas decadentes e degenerados da Bretanha franceza só com as maiores reducções se poderia applicar. A gente portugueza, vasada n'outros moldes, e feita de outros metaes, é que nada tem a vêr com ella.

Os motivos com que a escoram em Portugal, difficilmente encontrariam outros mais frageis, mais improficuos, mais insubsistentes.

São outras tantas historietas para adormecer creanças.

A tristeza negra, em Portugal, como nota caracterisadora do povo, como nota tonica da indole da gente!

E' mistér ter esquecido depressa o que são as *feiras,* as *romarias,* as *janeiras* em todo reino; haver deixado apagarem-se da memoria os tons festivos do *trabalho*, das *sachas,* das *desfolhadas* .. as *dansas,* as *cantigas,* o *fado,* em summa.

As navegações sem alvo, e sem destino, atraz de ilhas encantadas e do mytho do Preste João!...

Como as apparencias illudem!

Como as preoccupações *celtisantes* são enganadoras!

Um olhar lançado para a realidade historica assiste, como por encanto, ao desmoronar de tão frageis phan-

tasias. As grandes empresas tentadas pelos portuguezes nos dominios do oceano nas ultimas décadas do seculo xv, e na primeira metade do seculo xvi são o phenomeno economico historico mais simples, mais natural, mais logico, mais prático, que ao mais exigente critico se poderia deparar na vida de quaesquer povos.

Eram a consequencia de toda a phase anterior, que parece andar assás esquecida pelos modernos fazedores da psychologia popular portugueza.

Durante todo o seculo xiv e no correr de todo o xv o commercio principal europeu era o commercio do Levante, feito pelas marinhas das republicas italianas, nomeadamente Veneza, na bacia do Mediterraneo.

D'alli se espalhava, por várias vias, pelos mercados da Europa.

Uma d'essas vias, d'esses caminhos, o mais notavel de todos, era o porto de Lisbôa, estuario seguro e encantador, natural interposto das gentes ribeirinhas do Mediterraneo para os mares do Norte do Continente.

Todo intercambio das cidades do Sul com os mercados do Atlantico, da Mancha, do Mar do Norte, do Baltico, ou demandasse a França, ou a Inglaterra, ou Flandres, ou a Allemanha, ou a Dinamarca, ou as Cidades Hanseaticas, passava pela famosa metropole do Tejo. Durante todo *Tresentos* e todo *Quatrocentos* — Lisbôa foi um assombroso centro mercantil, onde gregos, egypcios, venezianos, genovezes, biscainhos, catalães, italianos de todas as zonas, flamengos — entregavam-se ao commercio das drogas do Oriente, dos artefactos do Levante e dos productos do paiz. Os vinhos portuguezes já então circulavam por toda a Europa.

Os filhos da terra, em cujas veias giravam fortes e abundantes gôttas do sangue phenicio e carthaginez, foram desde então attrahidos para o commercio maritimo e para as vantagens da navegação, além dos lucrativos negocios terrestres, largamente por

elles tambem manipulados, como bons discipulos de judeus e arabes que eram.

Ora em tudo isto pode haver um pouco de quanto se queira imaginar, menos a decantada melancholia dolorosa dos Celtas de Renan...

Estavam as cousas n'este pé, n'este prático ponto de vista, quando os Turcos trancaram as portas do Oriente, fecharam as entradas e sahidas, apoderando-se de Constantinopla, da Grecia, da Macedonia, da Asia anterior, de bôa parte da Arabia, do Egypto e do norte d'Africa. Rolou por terra o poderio de Veneza, de Genova, das Republicas do Mediterraneo. Lisbôa, sensatamente, praticamente, judiciosamente se preparou para recolher tamanha herança: o commercio directo com o Oriente. Fechado pelos novos e barbaros dominadores o caminho terrestre, o classico, o tradicional, o conhecido, o batido, os monarchas portuguezes do tempo, como bons estadistas, D. Affonso V e D. João II principalmente, procuraram outras rótas e só duas se lhes antolhavam: a do oceano, contornando a Africa, e a da Ethiopia. E por que a Ethiopia, senhores? por uma dupla razão poderosissima: era, n'aquella direcção a terra livre do dominio ottomano e era gente christã desde o IV seculo, tal qual hoje!...

Eis o motivo da embaixada enviada ao Negus d'Abyssinia, coêvo de D. João II. E a isto se chama correr atraz do mytho do Preste João, desfigurando, sem vantagem e sem bellezas, paginas mal comprehendidas dos chronistas!... — E á navegação pelo Atlantico, a circumnavegação d'Africa, inicio da phase moderna na vida economica e social da humanidade, se denomina o andar sem destino, nem alvo *á cata de ilhas encantadas*, só porque essa deliquescente interpretação da historia encontra frageis pontos de apoio na philosophia e na critica superficialissima do auctor da *Vida de Jesus*, e porque algum chronista imbuido de leituras da *litteratura de cordel* da epoca do *Quinhentos* e de livros de *cavalleria*, ainda em moda em plena *Renascença*, se desenfastiasse pilhericamen-

te, falando em *São Brendão*... São, e evidentemente, senhores, theorias edificadas na areia: esfarelamse entre os dedos.

Quanto ao *sebastianismo*, devaneio *semitisante*, ligado ao *celticismo* das melancholias intoleraveis e das viagens ás ilhas encantadas, atraz do *São Graal* e do *São Brendão*, eu o julgo ainda mais improprio para definir o genio da valorosa nação portugueza entre as demais nações do mundo. Não, não é possivel, não o deve ser pelo menos, que se tomem os augurios de um sapateiro mentecapto de Trancoso, as visagens d'um hysterico como Frei Gil de Santarem, as phantasmagorias doentias do Padre Antonio Vieira, evidentemente desequilibrado n'aquella phase, que se tomem taes symptomas morbidos por uma das expressões mais authenticas, mais genuinas, mais adquadas, mais eminentes do caracter e do genio portuguez.

Por mais que os Jesuitas forjassem o mytho e o enfeitassem, para seu uso e conveniencias, sempre me pareceu suspeito acceital-o como expoente psychologico dos compatriotas de Pombal.

Não, nada d'isto, senhores!

O verdadeiro interior da alma portugueza, se pode ser indicado n'uma fórmula, parece-me ser esta: *a alegria discreta, contida, espontanea, insinuante e communicativa, — sim, mas calma e ponderada; a intelligencia lucida, discursiva, methodica; a actividade serena, regrada, o que tudo pode ser expressado nas palavras — equilibrio das forças do espirito e do caracter. —*

Nada das melancholias crueis, como as dos Slavos do Norte; nem das expansões ruidosas, hilariantes, das fanfarronadas de risos, como as do Gascão, do Sevilhano, do Napolitano. —

Nada das nebulosidades espirituaes, d'essa especie de floresta escura do pensamento, d'esses esconderijos profundos e insondaveis, que tem cabido por vezes, em sorte, aos Germanos e Hindús. —

Nada das actividades tumultuarias, irrefreaveis, impulsivas do *Yankee*.

Equilibrio, equilibrio, senhores, das energias do cerebro e do coração, da intelligencia e do caracter: alguma cousa que lembra o Provençal.

Tudo mais me parece muito bonito, porém muito falso.

As provas? as provas?

São tantas, que sinto difficuldade apenas na escolha, e pena tenho de não as poder desenvolver, pela impropriedade da occasião.

Indical-as-hei — em forma synthetica. O clima do paiz e o aspecto da natureza que, lembrando, aqui e alli, as melhores zonas da Italia e do Sul da França, os sitios mais encantadores da Hespanha e da Grecia, só pelo mais completo absurdo poderia crear um povo de tristes e merencorios.

A industria campestre predominante da simples e facil *cueillette* — de vinhas, fructos variadissimos e productos congeneres, partilha das gentes afortunadas do Meio-Dia, que é uma fonte constante de bom humor e suaves expansões.

O espectaculo interessante do povo no seu trabalho, nas mondas, nas sachas, nas vindimas, nas desfolhadas...

O espectaculo, ainda mais curioso, e ultra-pittoresco das populações ruraes nos mercados, nas feiras, e, acima de tudo, nas *romarias*, que nada sei que lhe possa comparar senão o que li em Gregorovius em seus *Passeios pela Italia.*

As poesias e contos populares, onde tudo é commedido, doce, gracioso, meigo, sem monstruosidades, sem tumultuarias aventuras, sem desgarrados *rabelairismos*, sem nojosas *baudelairices*, sem loucuras terrificantes, sem desequilibrios estapafurdios...

As dansas, sempre galantes e vistosas, sem as extravagancias do Oriente, sem as licenciosidades gaulezas, sem as grosseirias das gentes inferiores.

Os trajos das mulheres campezinas, principalmente no Norte, que são uma amostra de finura e bom gosto.

O lyrismo dos grandes poetas, limpido e claro

como as manhans estivaes, dulçoroso e tépido como as noutes estrelladas dos céos meridionaes.

A arte predominante na esthetica do povo — a architectura —, que é toda ordem e harmonia, e a quasi ausencia da musica dolorosa e empolgante, ao gosto germanico, que é a verdadeira arte dos tristes e melancholicos.

As aptidões práticas do povo para o commercio, a navegação, a leve agricultura, as pouco complicadas industrias, sem descambar nunca na obsessão materialista d'um mercantilismo infrene ou ignobil.

As qualidades theoricas de seu espirito, sempre placidas, moderadas, quaes se revelam nas suas producções juridicas, historicas, politicas, scientificas, criticas, philosophicas, especialmente estas ultimas, sempre muito parcas, e das quaes andou constantemente ausente a transcendental metaphysica desarticulada e imponderavel.

Finalmente, os seus grandes homens, os seus typos representativos em todos os tempos, quer os heróes da acção, quer os da idéa: um D. João II, um Bartholomeu Dias, um Vasco da Gama, um Camões, um Albuquerque, um Pombal, um Garrett, um Herculano... Difficilmente se encontrariam espiritos e caracteres mais organicos e mais harmonicos, todos elles dotados do que se poderia chamar a elasticidade plastica dos temperamentos superiormente robustos.

Quão distante estamos da *apagada e vil tristeza*, de que fala o incomparavel poeta; quão distantes das *viagens sem destino*, dos *sebastianismos* doentios!

Aposto que nem um só dos oito portuguezes citados daria um passo sequer em busca de *São Brendão!*

Ora, pois, senhores, e este é o ponto a que desejava arribar, Pinheiro Chagas, com toda a sua cyclopica producção, é um retrato de seu povo: nada se nota n'elle de irregular, de enorme, de desequilibrado, de monstruoso.

A região por seu espirito percorrida é extensa, é vasta; mas é isenta de despenhadeiros, de precipicios e de

abysmos; é como as viridentes paisagens de sua terra, com suas veigas floridas, suas encostas relvosas, seus rios pittorescos; contém campinas suavemente onduladas, mas não encerra desertos arenosos e resequidos; conta montanhas, mas estas não desafiam as nuvens em attitudes ameaçadoras. Tudo em sua obra é vivo, animado, exuberante, ás vezes, de seiva; mas tudo é rhythmado, medido, normalisado, por um bom senso que se não desmente nunca, por essa clareza de idéas, essa facilidade de forma, essa transparencia de estylo, que são o apanagio dos espiritos sadios.

Para bem comprehendêl-o não basta pôl-o em seu logar, em seu paiz; mistér se faz collocal-o tambem em seu tempo: as quatro ultimas décadas do seculo XIX.

Quando Pinheiro Chagas appareceu, já o romantismo portuguez tinha produzido suas melhores obras.

Já o triumvirato incomparavel de Garrett, Castilho e Herculano — havia perlustrado os dominios da poesia, do conto, do romance, do drama, da historia, da eloquencia, e colhido algumas das flores mais vivazes e perfumadas da intelligencia nacional em todos os tempos. Garrett já havia até desapparecido da arena, e os seus dois companheiros, cansados, sopesavam ainda os montantes, mas sentiam que iam sendo horas de recolherem ás tendas.

Seus quatro successores mais immediatos e mais vultuosos — Mendes Leal, Rebello da Silva, Latino e Camillo — tinham já dado toda a medida de seu valor, no prolongamento das mesmas tendencias, no encalço dos mesmos ideaes.

Aquillo que tinha sido valido e progressivo em 1832 já não podia satisfazer, trinta annos após, em 1862; a velha escóla tinha sido coberta por uma camada de folhas sêccas, cahidas das mãos dos epigonos.

Era urgente, era indispensavel reagir, e a reacção veiu.

Tumultuaria, indisciplinada, irreverente, porque era um levante de moços, porém fecunda em resultados.

Tres pares de revolucionarios deram o assalto á

velha cidadella romantica por varios lados, mais ou menos simultaneamente, ou com pequenos intervallos: Anthero de Quental e Guerra Junqueiro, Theophilo Braga e Oliveira Martins, Ramalho Ortigão e Eça de Queiroz — revolveram a poesia, o romance, a critica, a historia, as questões politicas e sociaes.

Em tudo o progresso foi real e innegavel, nomeadamente na poesia, no romance e na critica social.

Na historia, apesar de certa dansa macabra por conta das origens das populações da peninsula, verdadeira *orgia de duendes*, na qual deram a palma, ora aos Trogloditas primitivos, ora aos Iberos, ora aos Ligures, ora aos Phenicios, já aos Celtas, já aos Carthaginezes, já aos Romanos, já aos Godos, ás vezes aos Arabes e não raro aos Berberes... na historia, a despeito d'essa vertigem mirabulante e falaz, não deram um passo seguro e serio além de Herculano, em que pése a certa critica praguenta que tomou a si a funcção de o injuriar, na impossibilidade de o corrigir...

O mesmo é licito affirmar do drama garrettiano, que ainda espera os continuadores d'egual genio.

E reparae, senhores: entre os representantes das velhas doutrinas e os portadores dos novos modos de vêr, ergueram-se tres vultos menos brilhantes, talvez; mais sympathicos, por certo: João de Deus, Thomaz Ribeiro, Pinheiro Chagas, formando o élo que prende uns aos outros, a transição, o laço de ouro, que liga o Portugal romantico ao Portugal realista, naturalista, symbolista dos ultimos tempos...

Constituem em meio do firmamento do seculo XIX, na terra de Camões, uma especie de estrella tripla, clara, visivel, aos olhos dos que sabem amar todas as glorias puras.

As vistas d'esses desvendam-se elles mais modestos do que alguns outros, porém mais estaveis, mais seguros, de um brilho mais doce, mais saudosamente insinuante.

A musa de João de Deus é plebêa na ingenuidade de seu desalinho, na candura de seu olhar; mas é

como a flôr de luz e neve, expressão suprema de dez seculos de sonhos da alma de uma raça bôa.

— E' como serrana encantada que nos transmittisse de longe em longe, por entre nuvens douradas, a etherea monodia d'estranhos mundos .

A musa de Thomaz Ribeiro é aristocratica; é como castellan altiva e dolente, ousada e crente, gemendo nostalgias indefinidas ao mystico clarão das noutes enluaradas.

A musa de Pinheiro Chagas é como a alma integra, completa do povo portuguez na sua labuta de todos os dias; é o povo inteiro na sua faina, na sua actividade, visto pelo lado eternamente bello e bom do trabalho: todas as classes, todas as jerarchias, olhadas da parte dos affectos mais nobres, das aspirações mais sans. Se fôsse preciso represental-a sob a forma concreta d'uma mulher —, seria a de mãe amantissima, carinhosamente atarefada da prole, a musa d'esse homem que casou idyllicamente, romanticamente por amor e trabalhou incessantemente *quarenta annos por amor d'esse amor,* o amor de uma mulher. .

Vêde-o nas suas obras principaes; vêde-o n'esse bello *Poema da Mocidade.* Não é um livro de revolucionario; não é um symbolo de morte, ou seja a morte d'uma escóla litteraria, ou seja a morte de um deus...

E' antes um symbolo de vida; o poeta borda o thema eternamente novo e fascinante do affecto dos affectos; o livro não representa uma epoca, porque exprime cousa melhor, o pulsar alviçareiro dos corações melodiosos de amor. E' linguagem que ha de ser entendida até a consummação dos seculos.

Vêde-o n'essa encantadora *Morgadinha de Valflôr,* o melhor, talvez, dos dramas romanticos portuguezes, depois do *Frei Luiz de Sousa,* a obra prima de Almeida Garrett.

E releva ponderar que só por este facto, só por haver sido, n'esse drama, o digno successor do grande genio de *D. Branca* e *Camões,* Pinheiro Cha-

gas entrou com pé firme na categoria dos immortaes.

Vêde-o, dizia eu, n'essa encantadora *Morgadinha de Valflôr*, com as suas antitheses de classes, e tão cheia de caracteres elevados, altivos, nobres, sinceros, como são os da bôa seiva portugueza em todas as camadas.

Vêde-o n'esse patriotico *Drama do Povo*, no qual o alento das grandes aspirações democraticas é tão intenso e a satira aos nobres e clerigos, que festejavam o extrangeiro invasor, é tão acerada e certeira.

N'essas singulares *Tristezas á Beira-Mar*, ainda com suas antitheses entre a cidade e o campo, onde a imaginação do romancista derramou poesia ás mancheias e crystallizou algumas bellezas peregrinas da alma da mulher portugueza.

Não é tambem a obra d'um revolucionario: é a de um bom e de um puro.

N'essa Côrte de D. João V, na qual as paixões e intrigas fervem e tumultuam, mas, por ser em terra portugueza, encontram-se peitos que batem sempre leaes.

N'esses *Estudos Criticos* que exerceram, ao tempo em que sahiram a lume, dupla e indispensavel missão: chamar á ordem alguns innovadores improvisados, corrigindo-lhes os erros; mostrar aos moços as fontes onde aquelles estavam atabalhoadamente a beber, revocando-os a idéas mais sensatas.

N'essa portentosa *Historia de Portugal*, a unica completa que existe, onde sentimos viverem os tempos, como se estivessemos no meio d'elles.

Mas, meus senhores, de tanto trabalho, de tão colossal producção, que vae ficar?

Antes e acima de tudo, elle mesmo, o auctor... Manoel Pinheiro Chagas era um d'esses homens de que fala Goëthe, que valem pelo que são e não pelo que fazem, por isso teem mais valor do que a sua obra, a despeito do merito extraordinario d'ella.

Antes e acima de tudo ficará o seu nome, o seu exemplo, apontado como norma aos trabalhadores

indefessos: o nobre devotamento d'um homem, que, tendo chegado ás mais altas posições politicas em sua terra, conservou as mãos limpas, porque n'ellas estava o seu instrumento de trabalho, a sua penna; o nobre devotamento d'um homem que fez do cerebro a seára enorme, d'onde tirava o pão material para os seus e o repartia com o povo sob a forma da producção litteraria...

Depois, essa monumental *Historia de Portugal* que traz colligidos os melhores documentos de todas as epocas da vida da nação, cuja narrativa desliza n'um estylo claro, limpido, translucido, d'encantar.

Lembra a de Henri Martin, em França, pela extensão e minuciosidade, sobrepujando-a pela viveza e eloquencia da linguagem.

Depois, ainda, a lembrança do orador torrencial e deslumbrante que só teve rivaes em José Estevam e Antonio Candido.

D'elle se poderia formar uma pequena bibliotheca em que figurassem dois ou tres dramas, outras tantas comedias, outros tantos romances, cinco ou seis artigos politicos, outros tantos ensaios criticos, outros tantos discursos, dos mais completos, dos mais perfeitos, dos mais bellos da lingua portugueza.

E' só escolhel-os quem para isso tiver gosto e saber.

E sejam, senhores, minhas ultimas palavras a recordação d'um passo de sua vida de orador.

Era em Paris; amigos, patricios e admiradoros tinham preparado uma festa, um banquete em honra de Pinheiro Chagas. Fulgiam entre os convidados notaveis figuras da politica, das lettras, do jornalismo francez. O jantar havia começado sob impressão displicente causada pelo comparecimento do festejado, depois, bem depois da hora convencionada, e pelo seu aspecto de homem pouco dado a apuro de elegancias: dois crimes perante a etiqueta parisiense...

Lá para o fim, por cumprir a pragmatica, alguem levantou um brinde ao orador portuguez.

Este teve de responder, saudando a França. Foi

alguma cousa de inedito em labios extrangeiros na grande capital, alguma cousa de superior ao proprio Castelar pela lingua, pois este, começando em francez, tomado o calor do improviso, passava insensivelmente para o hespanhol.

Com o orador portuguez, diverso, mui diverso era o que, com assombro, se estava a presenciar.

Phrase larga e rhythmica, vocabulario variado e abundante, estylo brilhante e pittoresco, d'um desenho firme e n'um colorido expressivo, tudo n'uma synthaxe correctissima, ao gosto dos mais aprimorados escriptores. O auditorio foi-se deixando dominar pela magica influencia do orador, foi-o cercando aos poucos, no meio de delirantes applausos.

E quando chegou áquella imagem final da França, como o Christo dos povos e da politica, crucificada entre dois ladrões, sacrificando-se, consumindo-se a si propria, para remir e salvar as nações, o enthusiasmo não teve mais limites.

Levaram-no ao collo...

Pois bem, senhores! Portugal teve seu bello dia na historia, quando desvendou ao mundo a India, a China, o Japão, todo o Oriente em summa, e quando em terras d'America lançou as sementes d'um grande povo.

Portugal pode ainda, deve ainda ter douradas esperanças n'um radiante futuro com o seu imperio colonial d'Africa.

Mas alli está elle sacrificado exactamente entre os dois ladrões que ladeavam a França, na phrase do majestoso orador.

Para resurgir victorioso, porém, basta que elle se inspire no sentir e no querer de seus heróes, de seus grandes homens, e aquelle, cuja memoria aqui honramos, é certamente um d'estes...

(Muitas palmas e bravos acolheram as ultimas palavras do orador.)